

TRABALHO
E CARNAVAL:
EXPERIÊNCIAS
VIVIDAS POR
CRIANÇAS E
ADOLESCENTES
EM SITUAÇÃO
DE RUA

[ARTIGO]

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Rondônia

Silvana Viana Andrade
Centro Universitário UniFTC

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O(a) trabalhador(a) brasileiro sempre foi uma importante ferramenta de fortalecimento da economia. Mesmo com o desenvolvimento econômico recentemente apresentado pelo Brasil, o trabalhador ainda é sujeito ao trabalho duro e à exploração. Nessa trilha, vemos o aumento significativo do número de pessoas em situação de rua – principalmente de crianças e adolescentes, que vivem nas ruas, desenvolvendo táticas para a sobrevivência individual ou coletiva. Neste estudo, compreendemos as táticas como trabalho lícito ou ilícito por promoverem a sobrevivência e denunciarem a falta de políticas públicas de qualidade. Devemos considerar que algumas táticas de sobrevivência, tais como a mendicância e o furto, apenas demonstram o poder das crianças e adolescentes sobre o espaço da rua. Para exemplificar essas vivências, utilizamos o carnaval da cidade de Salvador (BA) por ser uma festa que amplia o número de crianças e adolescentes em situação de rua, além de invisibilizar a violência por elas sofrida.

Palavras-chave: Trabalho. Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. Táticas de Sobrevivência. Carnaval.

The Brazilian worker has always been an important tool for strengthening the economy. Even with the economic development, the worker is still conditioned to hard work and exploitation. In this context, we see a significant increase in the number of people living on the streets, especially children and adolescents, who must develop tactics for individual or collective survival. In our study, we understand tactics as legal or illegal work, since it promotes survival and denounces the lack of quality of public policies. We must consider that some survival tactics, such as begging and theft, only demonstrate the influence of children and adolescents over the street space. To exemplify these experiences, we used the carnival in the city of Salvador, state of Bahia, because it increases the number of street children and adolescents and masks the violence they suffer.

Keywords: Work. Street Children and Adolescents. Survival Tactics. Carnival.

El trabajador brasileño siempre ha sido una herramienta importante para fortalecer la economía. Incluso con el reciente desarrollo económico del país, el trabajador sigue condicionado al trabajo duro y la explotación. En este camino se observa un aumento significativo en el número de personas que viven en las calles, especialmente niños y adolescentes, que están desarrollando tácticas para la supervivencia individual o colectiva en ese espacio. En este estudio, se comprende la táctica como trabajo legal o ilegal, ya que promueve la supervivencia y denuncia la falta de políticas públicas de calidad. Se debe considerar que algunas tácticas de supervivencia, como la mendicidad y el robo, solo demuestran el poder de los niños y adolescentes sobre el espacio callejero. Para ejemplificar estas experiencias se toma el carnaval de la ciudad de Salvador (estado de Bahía, Brasil), ya que es una fiesta que aumenta el número de niños y adolescentes en situación de calle y hace invisible la violencia que sufren.

Palabras clave: Trabajo. Niños y Adolescentes en Situación de Calle. Tácticas de Supervivencia. Carnaval.

Introdução

Cotidianamente, nas ruas das cidades, visualizamos diversas crianças e adolescentes desenvolvendo táticas de sobrevivência, compreendidas neste artigo, também como trabalho, vivendo a negação de direitos básicos que os obriga a estar em situação de rua, contrariando o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990),

Cabe ressaltar que, mesmo com a implementação do ECA, a prática de táticas de sobrevivência continua frequente, impulsionando, a cada dia, a ida de crianças e adolescentes às ruas, ocupando os espaços públicos, desenvolvendo atividades variadas, denominadas aqui como táticas de sobrevivência. Essas práticas presentes nos espaços públicos urbanos, tornaram-se frequentes desde que os princípios capitalistas neoliberais passaram a orientar a política econômica brasileira, impulsionando o aumento da pobreza do povo brasileiro, aprofundando a desigualdade (ANDRADE, 2019, p. 24).

Nesse contexto, a vida cotidiana dessas crianças e adolescentes é marcada pela carência de estruturas básicas capazes de possibilitar sua sobrevivência, tais como saúde, educação, infraestrutura urbana, saneamento básico, entre outras. É com base nessas carências que surgem as táticas de sobrevivência capazes de promover a manutenção de suas vidas e de seus familiares.

Buscar o significado das táticas de sobrevivência no contexto do trabalho, as distancia do campo do não-trabalho. Dessa

maneira, as atividades desenvolvidas pelas crianças e adolescentes em situação de rua podem ser consideradas trabalho, tendo em vista que as atividades desenvolvidas exigem um exercício físico e mental dos executores, que adaptam a natureza a si próprios através das táticas que desenvolvem, o que possibilita a sobrevivência e satisfazem suas necessidades humanas no mundo capitalista. Para Blass (2004, p. 472), a noção de trabalho compreendida de forma alargada “[...] recobre um conjunto amplo de práticas que a noção de emprego ou trabalho assalariado não abrange”. Dessa forma, considerar roubo e mendicância como trabalho seria buscar o significado do trabalho no aparente não trabalho. “Pensar o trabalho dentro do contexto contemporâneo é assumir que o mesmo se manifesta de diversas formas e em diversos lugares.” (ANDRADE, 2019, p. 73). Sendo assim, poderemos visualizar as atividades antes conceituadas como vagabundagem ou banditismo como trabalho, mesmo que sejam ilícitas ou desafiadoras da ordem estabelecida pelo Estado.

Quando abordamos as táticas de sobrevivência desenvolvidas e executadas pelas crianças e adolescentes em situação de rua como trabalho, lícito ou ilícito, consideramos sua importância para manutenção da vida de tais crianças e adolescentes, de seus grupos ou de suas famílias. Tais táticas, lícitas ou ilícitas, caminham em total oposição já que uma desperta pena e a outra, ódio. É importante destacar que essas oscilações são comuns e constantes no cotidiano da rua e sobre isso Gregori (2000a, p. 30), considera que,

Do ponto de vista das imagens dos meninos de rua, encontramos oscilações e

conflito: são tomados ora como “pequenas monstruosidades sociais”, “bandidos em potencial” – em versões em que sua periculosidade já está definida como algo inato ou, se não inato, como resultado de uma miséria social e moral que dificulta a busca de soluções –, ora “verdadeiros carentes”, nas versões que os representam como a ilustração mais cabal do abandono, dos desmandos e da desigualdade social.

Assim, para compreender parte do cotidiano das crianças e adolescentes em situação de rua, consideramos importante aprofundar, teoricamente, o estudo sobre dois temas que envolvem diretamente o cotidiano da rua: trabalho e pobreza. Para possibilitar a compreensão desse cotidiano, escolhemos a festividade do Carnaval de Salvador (BA), por possibilitar a efetivação das táticas de sobrevivência desenvolvidas por crianças e adolescentes em situação de rua.

Trabalho, trabalhadores(as) e pobreza

Os principais efeitos da devastação capitalista no Brasil puderam ser vistos com mais intensidade após 1980, quando o grande contingente do exército de reserva possibilitou ao capital determinar que tipo de trabalhador seria aproveitado pelo mercado e quais se tornariam obsoletos. Isso faz crescer a concorrência e o desejo de superação entre os trabalhadores. Era a formação de cada trabalhador e a assimilação dos códigos, símbolos e signos da sociedade

capitalista que determinava seu grau de competência.

Dentro do contexto neoliberal, o capitalismo confina a massa trabalhadora aos serviços sociais públicos decadentes, reservando os serviços sociais privados para os setores de renda elevada. A política neoliberal também fez crescer o desemprego, atingindo o elo mais fraco da corrente capitalista, o trabalhador. Esse trabalhador, antes transformado em politécnico ou polivalente, aprendeu a transformar sua força de trabalho em mercadoria. A partir do momento em que não conseguia mais vender sua mercadoria, passou a ser inútil ao mercado capitalista e caiu para a categoria de trabalhador sem trabalho.

O capitalismo controla os seres humanos por meio de suas necessidades de sobrevivência, dessa forma consegue reproduzir e manter a força de trabalho pagando salários que possibilitam aos trabalhadores e trabalhadoras apenas alimentarem-se e gerar a nova massa trabalhadora. Nesse novo contexto de exploração, a substituição do emprego pela ocupação e o crescimento da desestruturação salarial se ampliaram pelo Brasil. Segundo Schwarz, em introdução feita no livro de Oliveira (2003a, p. 13), essa nova relação, capital/trabalho, leva ao “desmanche dos direitos” conquistados anteriormente e possibilita o crescimento do número de trabalhadores informais no Brasil. Esse “desmanche” intensificou-se com a ideologia neoliberal pós 1990, inserindo o Brasil no que Oliveira (2003b), denominou como “era da indeterminação”.

Neste caminho, Telles (2006, p. 109), afirma que a tentativa de controle dos

trabalhadores que ocupam o espaço público urbano esbarra nos acertos obscuros com os fiscais do Estado, que tentam regular o comércio clandestino e o uso irregular dos espaços públicos urbanos. Para Oliveira (2002), isso serve apenas aos processos de acumulação do capital, por exemplo:

Um dia de futebol no Brasil (ou em qualquer parte do mundo) quando milhões de pessoas vão a campos de futebol. Ali, os vendedores ambulantes estão vendendo Coca Cola, Guaraná, cerveja etc. Alguém vai me dizer que isso não é relevante para o movimento do capital, para a Coca Cola, Antártica, Brahma, Skol? O movimento nesse dia é maior do que durante toda a semana (OLIVEIRA, 2002, p. 93).

Esse comentário nos permite compreender que o capitalismo encontrou uma forma de extrair mais-valia do trabalhador sem necessariamente precisar mantê-lo em um emprego formal e sem controlar sua força de trabalho. Assim, o capitalismo extrai valor através da desorganização do trabalho/emprego. Essa nova forma de trabalho, porém, não retira este trabalhador da situação de pobreza, apenas lhe possibilita desenvolver táticas para manter sua sobrevivência. Dessa forma, a situação de pobreza, classificada como “caos”, era percebida como exceção, só podendo ser normalizada com a ascensão do capitalismo. Entretanto, a situação de pobreza transformou-se em regra, pois as desigualdades sociais, a pobreza urbana, o desemprego e o trabalho sem forma, dos ambulantes que ocupam os espaços públicos urbanos, permanecerão.

Marx (1993, p. 89), ao estudar a sociedade concluiu que esta se divide em duas

classes: possuidores de propriedade e trabalhadores sem propriedade. Porém, hoje devemos somar à segunda os trabalhadores sem trabalho, formada por pessoas que vivem sem emprego fixo por não atenderem às necessidades do mercado capitalista, desenvolvendo trabalhos informais ou ilícitos pelas ruas das cidades.

Inserida nesta discussão, Blass (2006), aponta para a noção de trabalho reinventada na modernidade ocidental, quando as atividades de trabalho aparecem separadas e automatizadas do conjunto das atividades sociais. Arendt (2004) afirma que o trabalho das mãos está ligado ao esforço físico transformado em suor. Sobre essa afirmação, Blass (2006) acrescenta que esse conceito desaparece nas sociedades modernas, onde o trabalho aparece reduzido ao labor.

Neste contexto, a noção de trabalho passa a vincular-se ao emprego formal, pois aquele oriundo de outros vínculos passa a ser visto como não-trabalho. Por outro lado, quando o trabalho é inserido em um contexto mais amplo, que extrapola as barreiras do emprego, passa a englobar outras atividades, como as táticas de sobrevivência.

A situação atual do trabalho no Brasil evidencia a pobreza existente, massacrando grande parte da população. No entanto, essa mazela ainda não foi suficiente para a mobilização da opinião pública, gerando políticas eficazes de combate à pobreza. Dessa forma, consideramos, neste trabalho, a pobreza e o desemprego como algumas das causas primordiais da existência da situação de rua, pois, como nos afirma Barros (2004, p. 23),

[...] as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, a reestruturação produtiva e o enxugamento do parque produtivo do país nos últimos vinte anos são a causa imediata do aumento de pessoas vivendo em “situação de rua”. A equação é simples (não simplória): diminuição dos postos de trabalho, rotatividade intensa de inserção dos trabalhadores na produção (seja ela formal ou não) e a baixa qualificação da mão-de-obra geram desemprego em massa e com isso o *sair para a rua*.

Para Barros (2004, p. 24), o “sair para a rua” é consequência direta do desemprego e da desarticulação “real e simbólica” do que isto representa na vida dos trabalhadores e que, por conseguinte, dão a seus filhos o mesmo destino. Assim, o alto número de pessoas em situação de rua não é fruto das ações dos governos atuais, mas sim de fatores que marcaram a história do Brasil, principalmente no que se refere à condução de certo grupo de trabalhadores à condição de desqualificados, obsoletos, miseráveis e descartáveis.

Destacamos que há pesquisas e publicações que trazem causas multifatoriais, tais como: dependência química, problemas familiares entre outras, para que as pessoas estejam em situação de rua, e não descartamos essas demais causas, entretanto para a finalidade desse artigo, nos ateremos às causas voltadas ao contexto do trabalho e da pobreza.

Para Pais (2003, p. 17), essa ocupação do espaço público pelos jovens em busca de táticas que gerem recursos,

[...] correspondem a processos no qual os jovens colocam em jogo sua pluralidade

de estratégias que expressam a sua capacidade de gerar formas próprias de ganhar dinheiro ou de ganhar a vida, como eles dizem expressivamente, ainda que em terreno de marginalidade, substancializando culturas de aleatoriedade e de improvisação.

Nesse contexto, a falta de emprego tem forçado várias famílias a utilizarem seus filhos pequenos como instrumentos de geração de renda, mesmo com a vigência do ECA. “As crianças e os adolescentes, que existem em número significativo dentro dessas famílias, utilizam a rua para arranjar dinheiro, para isso procuram dominar o espaço público com suas táticas de sobrevivência.” (ANDRADE, 2019, p. 32).

Trabalho e situação de rua

Ao abordarmos as táticas de sobrevivência faz-se necessário compreendê-las a partir da rua, sendo esta o espaço onde elas são criadas e efetivadas. Sendo a rua como um espaço adverso e imprevisível, sobreviver se torna uma meta diária, redefinida a cada passo e a cada experiência vivida. Fatores climáticos como calor, frio e chuva; fatores políticos como segurança pública, limpeza dos espaços públicos urbanos e violência policial; fatores religiosos como a caridade e a doutrinação; e fatores sociais como o preconceito, a violência e o assistencialismo tornam-se facilitadores, estabilizadores e desafiadores para os que estão em situação de rua.

Para o Estado, a população pobre encontra-se incapaz de exercer sua “cidadania” e por isso necessita de ações assistencialistas que lhe conduzam ao posto de cidadão. A condição de cidadania na atualidade é estabelecida via regras institucionalizadas. São os códigos, símbolos e signos da sociedade que condicionam o padrão de cidadão e este, por sua vez, dialoga cotidianamente com esses códigos, símbolos e signos alterando-os sempre que necessário. Todavia, quando as instituições passam a ser politicamente controladas pela minoria, o modelo de cidadão é imposto e a maioria é condicionada a obedecer, desconstruindo assim, o que seria o modelo ideal de cidadania. Para Francisco de Oliveira (2000), “Hoje nós estamos vivendo um período em que há tentativas efetivas de desconstrução da cidadania. Pode vir pelo Estado, pode vir pelo setor privado, pode vir pelos próprios movimentos que denominamos ou nomeamos de sociedade civil”.

Dessa forma, cidadão passa a ser aquele que consegue se adaptar e obedecer a tais códigos e não o que participa da formulação. Os que não obedecem, tornam-se marginais que buscam a justiça social por meios que, muitas vezes, desembocam na violência.

Tanto o roubo quanto as demais atividades desenvolvidas são táticas de sobrevivência que exigem das crianças e adolescentes planejamento e execução que enquadram os jovens no mercado capitalista. Todo o dinheiro adquirido com o roubo insere as crianças e os adolescentes em situação de rua no mercado de compras, possibilitando que os mesmos se enquadrem no sistema capitalista, comportando-se como consumidores.

Assim, cotidianamente, as ruas são ocupadas por pessoas que as utilizam para sobreviver: são vendedores, ladrões, mendigos, artistas e outras. Dentre essas pessoas estão as crianças e adolescentes em situação de rua que são encontradas furtando, mendigando, usando drogas, fazendo apresentações artísticas nas principais vias urbanas ou dormindo sob qualquer cobertura que lhes ofereça proteção. Presença nas ruas que intensifica nas festas de carnaval.

Se o trabalho, normalmente, é considerado o oposto a tempo livre, sendo assim, enquanto mantenedores da vida, o ato de pensar, criar táticas, executar e dividir o lucro do roubo e da mendicância não podem ser caracterizados como tempo livre e tampouco como lazer (ANDRADE, 2019, p. 31).

Essas afirmações permitem a compreensão das crianças e adolescentes em situação de rua enquanto trabalhadores livres, pois suas táticas são pensadas e executadas de forma individual e/ou grupal sem cumprimento de carga horária estabelecida, sem produção mínima determinada ou salário estipulado. Contudo, não se pode desconsiderar que sua independência e motivação estão ligadas ao capitalismo. Tais crianças e adolescentes são, ao mesmo tempo, “patrões e empregados”, sobrevivendo no sistema capitalista e sendo incentivadas ao consumo (ANDRADE, 2019, p. 31).

Em vários lugares do Brasil, crianças e adolescentes em situação de rua desenvolvem táticas de sobrevivência denominadas “caça jeito”, “correria”, “manguear”, dentre outras, que são tipos de táticas e que envolvem a aquisição de bens via mendicância,

venda de produtos e serviços, atividades artísticas ou furto. No furto, há uma simetria na elaboração do plano de ação, e na mendicância, uma operação dos recursos da linguagem, tendo em vista que eles sabem o que o cidadão comum quer ouvir e, assim, criam como afirma Gregori (2000, p. 45), “[...] uma imagem de si mesmo que combine com a figura de menino de rua de um mundo que não é seu, empregando conteúdos de retórica política” que objetivam seduzir e conquistar o interlocutor.

Carnaval e táticas de sobrevivência

Pensar em carnaval nos leva à três espaços distintos onde a festa ganha proporções mundiais: Salvador (BA), Recife/Olinda (PE) e Rio de Janeiro (RJ). De acordo com Silva (2007, p. 4258), é importante destacar que a origem da festa do carnaval está relacionada ao calendário católico com início da quaresma, “[...] ou seja trata-se de orientação da Igreja Católica Romana para os fiéis absterem-se do consumo de carne, isto é, darem adeus à carne, literalmente, carna (carne) e vale (adeus), no período da quaresma.”. No entanto, o carnaval extrapolou o desejo de Igreja Católica, tornando se uma festa de rua para alegria dos foliões e um mercado financeiro para artistas e empresários.

O Carnaval nos conduz a vivenciar um espaço de magia, de alegria. São milhares de pessoas que se encantam com a grandiosidade das festas. Dessa forma, para fixar um espaço de pesquisa, escolhemos

o Carnaval de Salvador para explorar a realidade da população pobre que utiliza a festa como espaço de aquisição de dinheiro por meio de suas táticas de sobrevivência. Assim, é importante considerar que,

O carnaval de rua em Salvador-Bahia é um fenômeno com fortes raízes histórico-culturais cujo modelo passou por contínuas e desordenadas transformações nas últimas décadas e que se encontra atualmente em fase crítica, carente de projetos sustentáveis de renovação do atual formato e de redistribuição dos lucros em benefício da cidade e de sua população (BOCCIA, 2015, p. 184).

Para muitos o carnaval de Salvador representa um momento de alegria e descontração. Os trios elétricos, as luzes, a presença de bandas e cantores(as) famosos(as), tornam o carnaval um espaço mágico que esconde sua face perversa e invisibiliza as pessoas em situação de rua.

Rua é lugar de dor, de violência, onde a face cruel do ser humano é liberada. Rua é espaço de vida, mas também é espaço de morte, principalmente dos mais pobres, dos que estão em situação de rua que morrem pelo frio, pela fome, pela violência gratuita e pelo fogo que queima a carne, a vida e a esperança (ANDRADE, 2019, p.19).

Nos subúrbios do carnaval é possível vivenciar a luta pela sobrevivência representada pelas catadoras(os) de material reciclável, pelas que furtam, pelos que mendigam e pelas que sofrem violência policial ou pelas que distribuem a violência gratuita. São idosos, adultos, adolescentes e crianças, invisíveis do carnaval, que

buscam no carnaval, por meios de táticas, suas sobrevivências.

Tendo em vistas os significantes e significados do carnaval, delimitamos como público de estudo as crianças e adolescentes em situação de rua. Para sobreviver, essas crianças e adolescentes estão distribuídas em diversos grupos que possuem características próprias e regras de convivência e sobrevivência influenciadas pelo tempo e pela festa. Dentre os diversos grupos Andrade (2019, p. 87) destaca cinco:

1. Crianças e adolescentes que mantêm vínculo com a família e com a escola – Esse grupo mantém fortes vínculos familiares, tem residência fixa e frequentam a escola. Vão à rua desenvolver táticas de sobrevivência, no turno oposto ao da escola, a fim de gerarem renda para contribuir no sustento da família. Em muitos casos o rendimento escolar é baixo, tendo em vista que as táticas de sobrevivência provocam o esgotamento físico e mental, o que, conseqüentemente, interfere na execução das atividades escolares;

2. Crianças e adolescentes que mantêm vínculo com a família e que abandonaram a escola – Esse grupo mantém fortes vínculos familiares e tem residência fixa, no entanto deixaram a escola, priorizando a ida à rua, na tentativa de garantir a sobrevivência individual e familiar. Desenvolvem táticas de sobrevivência na rua e retornam para casa ao final do dia levando os ganhos que complementam o sustento da família;

3. Crianças e adolescentes que vão à rua acompanhados da família – Esse grupo vai à rua em família e retornam para casa

ao fim do dia. Normalmente é composto, principalmente, por pais e filhos e as táticas de sobrevivência são desenvolvidas em grupo, destacando especialmente a mendicância;

4. Crianças e adolescentes que tomaram a rua como moradia, mas ainda mantêm vínculos familiares – Esse grupo passou a residir na rua, mas ainda mantêm vínculos com as famílias, que tem residência fixa, visitando-as regularmente. Em muitos casos as famílias residem em cidades diferentes das que as crianças e adolescentes em situação de rua estão;

5. Crianças e adolescentes que perderam os vínculos familiares, tomando a rua como moradia – Esse grupo é formado por crianças e adolescentes independentes. Os laços familiares foram rompidos por diversos fatores (distância, brigas, exploração, abusos, falta de comida etc.). Vivem em grupos que delimitam espaços, regras de convivência e funções na rua. Desenvolvem táticas de sobrevivências diversas: roubo, mendicância, malabares, uso e venda de drogas, relações sexuais consentidas ou pagas. Muitos formam famílias e têm filhos, mesmo morando na rua. Há casos em que bebês são alugados para outros membros do grupo, para que estes o usem como sensibilizador na mendicância, fazendo-se passar por pais da criança. Assim, para eles, a rua se torna um lugar de dinâmicas variadas.

Assim, sobreviver significa criar táticas que dialoguem com os diversos fatores e situações que surgem cotidianamente; sobreviver significa possuir instrumentos de luta contra inimigos visíveis e invisíveis; sobreviver significa transformar os

fatores externos em campo para as táticas de sobrevivência; ou como nos diz Certeau (2011), significa provocar a vitória do lugar sobre o tempo.

Na rua impera a ausência de políticas públicas de qualidade, a ausência da garantia de direitos e as práticas assistencialistas e compensatórias que transferem a situação de rua para um “não-lugar”, um território sem significados, o que remete para a questão da desresponsabilização do papel do Estado.

Ao abordar a definição de “não-lugar” Marc Augé (2012), trata do oposto ao lar, ao espaço familiar, ao espaço personalizado. “Se o lugar pode se definir com identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 2012, p. 73). Para o autor, o não-lugar é representado pelos espaços públicos de rápida circulação (como as ruas) e marcado pela relação entre o indivíduo e os símbolos da supermodernidade.

Para Pais (2003), as táticas de sobrevivência, chamadas “desenrascaço” (tida neste contexto como sinônimo de “caça jeito”, “correria”, “manguear” ou “viração”), configuram-se como meio de ocupação do espaço público urbano pelos jovens em busca de recursos e,

[...] correspondem a processos nos quais os jovens colocam em jogo sua pluralidade de estratégias que expressam a sua capacidade de gerar formas próprias de ganhar dinheiro ou de ganhar a vida, como eles dizem expressivamente, ainda que em terreno de marginalidade,

substancializando culturas de aleatoriedade e de improvisação (PAIS, 2003, p. 17).

A partir dessa discussão, voltamos aos bastidores do carnaval de Salvador que não é apenas uma manifestação cultural e/ou artística de espetáculo, “[...] mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval.” (BAKHTIN, 1996, p. 6). Para alguns o carnaval é uma grande festa de alegria, para outros o carnaval é um espaço de sobrevivência, de aquisição de recursos de forma lícita ou ilícita.

Durante o carnaval se produz grande quantidade de materiais recicláveis, os furtos se tornam mais fáceis e a mendicâncias passa a abordar um número maior de alvos. Também traz à tona várias situações que subjetivam o estar em situação de rua,

A questão do trabalho infantil; a condição de vida dos catadores de latinhas; o ambiente insalubre no qual permanecem durante toda festa ambulantes e crianças sem condições mínimas de higiene e infraestrutura; a emissão de gás carbônico pelos trios; o consumo excessivo de álcool e outras drogas; a insegurança e as dificuldades com a mobilidade urbana durante a festa (BOCCIA, 2015, p. 185).

Quando compreendemos o cotidiano das crianças e adolescentes em situação de rua durante o carnaval, verificaremos que suas táticas de sobrevivência são apenas reflexos combativos às políticas públicas de má qualidade executadas pelo Estado. Durante o carnaval as crianças e adolescentes podem ser vistas trabalhando na rua, furtando,

mendigando em meio a brigas, “[...] som alto e empurrões, ou dormindo embaixo das barracas assentadas em um chão enlameado por água de chuva ou do gelo utilizado para gelar bebidas. Clímaco Dias (2002) registrou que 40% dessas crianças ficavam doentes por viroses ou bactérias.” (DIAS, 2018, p. 109).

Tendo em vista suas táticas de sobrevivência ilícitas que desafiam o poder de polícia do Estado, as crianças e adolescentes em situação de rua são submetidas a violências inimagináveis e com alto grau de crueldade. Violências cometidas principalmente pela polícia e que são invisibilizadas pela festa.

Os invisíveis do carnaval, vistos socialmente como inferiores e infratores, devem tirar partido de forças que lhes são estranhas para sobreviver e potencializar as táticas de sobrevivência. Assim, “[...] pelo fato de seu não-lugar, a tática depende de tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho” (CERTEAU, 2011, p. 46). Não há uma rotina onde as táticas de sobrevivência se desenvolvem, elas devem se adaptar às metamorfoses do tempo e do espaço. A tática se aproveita da “ocasião” para conseguir resultados positivos. No contexto das crianças e adolescentes em situação de rua, as táticas estão diretamente ligadas à retórica e à habilidade física, usadas comumente nas abordagens na rua.

Nada de surpreendente, pois, de um lado, ela descreve os “rodeios” de que uma língua pode ser simultaneamente o lugar do objeto e, de outro, essas manifestações são relativas às ocasiões e às maneiras de mudar (seduzir, persuadir,

utilizar) o querer do outro (o destinatário) (CERTEAU, 2011, p. 47).

Devemos considerar que algumas táticas de sobrevivência, consideradas aqui como trabalho, tais como a mendicância e o furto, demonstram o poder das crianças e adolescentes sobre o espaço da rua. Assim, as práticas de trabalho, no contexto das táticas de sobrevivência, ocupam diferentes lugares e podem assumir diferentes significados. “As práticas de trabalho têm, portanto, uma linguagem que se expressa em vários lugares e apresentam múltiplos significados” (BLASS, 2003, p. 10).

A mendicância tem como objetivo despertar a caridade da população, a utilização adequada da dramaturgia resulta na comoção dos foliões e na recompensa material, o que demonstra o poder de persuasão das crianças e adolescentes em situação de rua. No entanto, o furto, quando bem planejado e executado, demonstra a superioridade do executor tanto sobre aquele que detém melhor condição financeira, quanto sobre o Estado na medida em que consegue driblar seus mecanismos de segurança.

No carnaval de Salvador dois mundos se erguem paralelamente. De um lado temos o mundo visível com seus festejos de alegria ornados pelas bandas, cantores e cantoras, trios elétricos, blocos comerciais, afoxés, blocos afros e intensa cobertura midiáticas. Do outro temos o mundo invisível onde as crianças e adolescentes em situação de rua desenvolvem táticas de sobrevivência como furto, mendicância, coleta de materiais recicláveis; onde são violentadas fisicamente, consomem drogas e adoecem nos espaços insalubres

que se instalam ou pela exposição ao som alto dos trios. Esse mundo invisível é composto pela população pobre que busca sua sobrevivência nas sobras do mundo real. ■

[FÁBIO SANTOS DE ANDRADE]

Professor Adjunto do Departamento Acadêmico de Ciências da Educação (Dacie) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEEProf) da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
E-mail: fasaan@hotmail.com

[SILVANA VIANA ANDRADE]

Professora do Colegiado de Psicologia do Centro Universitário UniFTC, Campus de Vitória da Conquista (BA). Graduada em Psicologia pela Universidade (Fumec) e mestra em Psicologia pela Unir.
E-mail: silvana_andrade@yahoo.com.br

Referências

ANDRADE, Fábio Santos de. **Crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil**: táticas de sobrevivência e ocupação do espaço público urbano. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BARROS, Joana da Silva. **Moradores de Rua**: pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

BLASS, Leila Maria da Silva. **Ato de trabalhar**: imagens e representações. São Paulo: Annablume, 2006.

BLASS, Leila Maria da Silva. Juventude e trabalho. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da (org.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2004.

BLASS, Leila Maria da Silva. Nas interfaces do trabalho, emprego e lazer. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 27., 2003, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: Hotel Glória, 2003.

BOCCIA, Leonardo Vincenzo. Carnaval de rua de uma cidade histórica do Brasil. **Revista Repertório**, Salvador, n. 25, p. 180-193, 2015.

BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 de julho de 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes do fazer. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CRAIDY, Carmem Maria. **Meninos de rua e analfabetismo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DIAS, Clímaco Cesar Siqueira. Carnaval de Salvador: o declínio da festa mercantil. **Revista GeoTextos**, Salvador, v. 14, n. 1, p. 103-123, 2018.

GREGORI, Maria Filomena. **Viração**: experiências de meninos nas ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARX, Karl. **Manuscritos económicos-filosóficos de 1844**. Lisboa: Edições Avante!, 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista / O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003a.

OLIVEIRA, Francisco de. O trabalho abstrato e as novas formas de conflito. In: LOUREIRO, Isabel Maria; LEITE, José Corrêa; CEVASCO, Maria Elisa (org.). **O espírito de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

OLIVEIRA, Francisco de. Política numa era de indeterminação social. In: SILVA, Fernando Teixeira da; NAXARA, Márcia Regina Capelari; CAMILOTTI, Virgínia C. (org.). **República, liberalismo, cidadania**. Piracicaba: Unimep, 2003b.

OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia. (org.). **Os sentidos da democracia**: políticas do dissenso e hegemonia global. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2003.

SILVA, Tagore Trajano de Almeida. Apropriação dos espaços públicos durante o carnaval de Salvador/Bahia/Brasil: síntese das desigualdades sociais. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. p. 4257-4275.

TELLES, Vera da Silva. Itinerários da pobreza e da violência. In: MARQUES, Eduardo *et al.* Pobreza e criminalidade. **Revista Sexta Feira**, São Paulo, n. 8, p. 106-110, 2006.